

GÊNERO CRÔNICA PARA O 7º ANO

Apresentação da situação

A pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) interrompeu várias atividades que fazíamos diariamente, como ir à escola, por exemplo. Durante um período, apenas os serviços considerados essenciais à vida puderam funcionar. Sabemos que a água, embora não seja um serviço, é essencial à vida de todas as pessoas. Leia o texto a seguir e descubra a opinião de Armandinho sobre esse tema.



Fonte: Armandinho Quadrinhos e Tirinhas

Roda de Conversa

- 1) Qual é o acontecimento que dá início à história?
- 2) O pai de Armandinho não acredita que ele errou uma pergunta tão fácil, você já passou por alguma situação parecida?
- 3) Na sua opinião, qual seria a resposta correta para a questão? A de Armandinho, a de seu pai ou outra resposta? Explique para a turma a sua opinião.

Atividade inicial

Na história a seguir o tema do amor também aparece, mas pelo jeito esse sentimento um dia acaba. Será que o amor não é tão essencial assim como pensa Armandinho? Vamos fazer a leitura conjunta do texto? Quem se sentir à vontade pode começar lendo o primeiro parágrafo.

O amor acaba - Paulo Mendes Campos

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, **como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão**; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas **silabadas** femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o **gineceu** de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio,

na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se **erica** e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da **libido**; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo **périplo**, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a **bruma** que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

Atividades

- 1) O texto que você acaba de ler é do escritor Paulo Mendes Campos. O que sabe sobre este autor?
- 2) Observe a estrutura do texto. É possível identificar que gênero textual é esse? Anote as principais características identificadas em seu caderno.
- 3) Há no texto palavras que você desconhece? A partir do contexto é possível compreender o que ela significa? Consulte um dicionário impresso ou virtual.
- 4) Por que você acha que o autor atribuiu esse título ao texto?
- 5) Sobre o que se trata o texto que você acaba de ler?

6) A linguagem adotada é coloquial ou culta? Justifique sua resposta com exemplos, registre-as em seu caderno.

7) Há alguma palavra que você não conhece no texto? Qual seria? Pesquise no dicionário impresso ou online seu significado e registre em seu caderno.

8) Qual é a figura de linguagem que predomina no texto?

9) Quais relações você faz entre o diálogo de Armadinho com seu pai e a crônica de Paulo Mendes Campos?

10) Em quais suportes de circulação encontramos o gênero textual crônica?

Paulo Mendes de Campos

Foi poeta, cronista e tradutor. Fez parte de uma geração de notáveis da literatura, entre seus contemporâneos estão Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rubem Braga e Fernando Sabino. Seu ofício de escrever crônicas o deu grande destaque e projeção.

MÓDULO 1 (aulas 3 e 4)

2.1 Atividade de sensibilização

A partir do que vimos na atividade inicial vamos ampliar nossos saberes respondendo às perguntas sobre o gênero crônica.

- a) Você sabe o que é e qual é a origem da crônica?
- b) Quais são as principais características deste gênero textual?
- c) Por que os fatos cotidianos são encontrados nas crônicas?
- d) Sua linguagem é simples, rebuscada, difícil, fácil?
- e) Você sabe o que significa a palavra “efêmero”? Consulte um dicionário impresso ou virtual e compartilhe com seus colegas.

Neste tempo, cuidar uns dos outros é essencial para superação das restrições recomendadas pelas autoridades de saúde. Vamos conversar sobre como será a vida após esse momento de isolamento social?

- O que aconteceria em um dia perfeito para você, como ele seria?

- Qual foi a atividade que você mais sentiu falta neste período?
- Como vimos na crônica anterior, o amor pode acabar de diversas maneiras, por isso é preciso cuidar e cultivar o afeto pelas pessoas, natureza, animais, nossa cidade. Pensando nisso, o que você pode fazer para que os dias futuros sejam mais agradáveis e felizes de se viver?

2.2 Vamos ler com atenção a crônica da escritora Cecília Meireles “Dias Perfeitos”, que fala do que conversamos. Quem se sentir à vontade pode iniciar a leitura do primeiro parágrafo.

Dias Perfeitos – Cecília Meireles

Dias perfeitos são esses em que Meteorologia afirma, vai chover e chove mesmo: não os outros, quando se anda de capa e guarda-chuva para cá e para lá, até se perder um dos dois ou os dois juntos.

Dias perfeitos são esses em que todos os relógios amanhecem certos: o do pulso, o da cozinha, o da igreja, o da Glória, o da Carioca, excetuando-se apenas os das relojoarias, pois a graça, destes, é marcarem todos horas diferentes.

Dias perfeitos são esses em que os pneus não amanhecem vazios: as ruas acordam com dois ou três buracos consertados, pelo menos; o ônibus não vem em cima de nós, buzinando e na contramão; e os sinais de cruzamento não estão enguiçados e os guardas estão no seu posto, sem conversa para as morenas nem para os colegas.

Dias perfeitos são esses em que não cai botão nenhum da nossa roupa ou, se cair, uma pessoa amável aparecerá correndo, gastando o coração, para no-lo oferecer como quem oferece uma rosa, deplorando não dispor de linha e agulha para voltar a pô-lo no lugar.

Dias perfeitos são esses em que ninguém pisa nos nossos sapatos, nem esbarra com uma cesta nas nossas meias, ou, se isso acontecer, pede milhões de desculpas, hábito que se vai perdendo com uma velocidade supervostokiana.

Dias perfeitos são esses em que os guichês do Correio dispõem de gentis senhoritas e respeitáveis senhores que não estão fazendo crochê nem jogando xadrez sozinhos e não se aborrecem com o mísero pretendente à expedição de uma carta aérea, e até sabem quanto pesa a missiva e qual o seu destino, no mapa, e têm troco certo na gaveta, e não atiram os selos pelo ar como quem solta pombos da cartola. (Ah, esses são dias perfeitíssimos! ...)

Dias perfeitos são esses em que o motorista do carro de trás não buzina como um doido, os da direita e da esquerda não dançam quadrilha na nossa frente, e os velhotes não leem jornal no meio da rua, e as mocinhas que carregam à cabeça seus tabuleiros de penteados não resolvem atravessar, com suas perninhas trepidas em metro e meio de saltos, justamente por lugares por onde nem a bola de futebol doméstico se arrisca.

Dias perfeitos são esses em que se vai ao teatro, como mandam os amigos, e os atores sabem o que estão fazendo, e a vizinha de trás não conversa do

prólogo ao epílogo sobre assuntos particulares, e a menina da frente não chupa, não mastiga e não assovia caramelos e o cavalheiro da esquerda não pega no sono, resvalando insensivelmente para cima de nós o seu mavioso ronco.

Dias perfeitos, esses em que voltamos para a casa e a encontramos intacta, no mesmo lugar, e intactos estão os nossos tristes ossos, e podemos dormir em paz, tranquilos e felizes como se voltássemos apenas de um passeio pelos anéis de Saturno.

2.3 - Atividade textual

a) Interpretação do texto:

- 1) O texto que você acaba de ler é da escritora Cecília Meireles. O que sabe sobre esta autora?
- 2) Qual é o assunto tratado na crônica?
- 3) O texto remete ao passado ou presente? Registre os marcadores de tempo que revelam as marcas do tempo.
- 4) O narrador descreve os “dias perfeitos” a partir de exemplos concretos ou abstratos? Justifique sua resposta.
- 5) No parágrafo *“Dias perfeitos são esses em que todos os relógios amanhecem certos: o do pulso, o da cozinha, o da igreja, o da Glória, o da Carioca, excetuando-se apenas os das relojoarias, pois a graça, destes, é marcarem todos horas diferentes”*. O tempo é um elemento muito destacado pelo narrador. Mas o que ele quis dizer com o tempo da “Glória”, da “Carioca”?
- 6) Em sua opinião, o que o narrador quer dizer com “velocidade supervostokiana”?
- 7) Os acontecimentos narrados no texto revelam um dia a dia muito corrido e acelerado na metrópole, como as pessoas agem, se comportam? Na sua opinião, a pandemia fez com as pessoas se tornassem mais amistosas, solitárias e cordiais?
- 8) No parágrafo final o narrador tem a sensação de ter feito um passeio pelo espaço sideral (Anéis de Saturno). Se você pudesse fazer um passeio agora, para onde iria?

b) Responda às questões que tratam sobre os aspectos discursivos e linguísticos da crônica:

- 1) Observe o fragmento: “*Dias perfeitos são esses em que Meteorologia afirma, vai chover e chove mesmo: não os outros, quando se anda de capa e guarda-chuva para cá e para lá, até se perder um dos dois ou os dois juntos*”. Identifique neste trecho o **verbo** que afirma ser dias perfeitos e a **conjunção** que nega os dias perfeitos.
- 2) No parágrafo “*Dias perfeitos são esses em que os pneus não amanhecem vazios: as **ruas acordam** com dois ou três buracos consertados, pelo menos [...]*”. Qual é a figura de linguagem do trecho em destaque?
- 3) Observe a interjeição em destaque (**Ah**, esses são dias perfeitíssimos! ...). Qual sentimento ela comunica?
- 4) No trecho “*Dias perfeitos, esses em que voltamos para a casa e a encontramos intacta, no mesmo lugar, e intactos estão os nossos tristes ossos, e podemos dormir em paz, tranquilos e felizes como se voltássemos apenas de um passeio pelos anéis de Saturno*”. Localize os verbos desse parágrafo e indique seus tempos verbais.

MÓDULO 2 (aulas 5 e 6)

3.1 Atividade de sensibilização

Nas aulas anteriores, conhecemos o gênero crônica, conversamos sobre suas principais características e sua íntima relação com a vida cotidiana. A partir disso, responda às perguntas:

- Diga o que você se recorda sobre o gênero textual crônica.
- Qual é a linguagem adotada neste tipo de texto?
- A crônica está mais ligada à oralidade ou à linguagem mais formal?
- Cite ao menos duas características encontradas na crônica.

3.2 A recomendação nesse período de pandemia foi para que todos que pudessem ficassem em casa, sobretudo os idosos, que fazem parte do grupo de risco. O texto que vamos ler agora fala de uma vovozinha muito ativa e inteligente, que vive circulando em sua lambreta! Nele, ocorre um

diálogo entre a velhinha e um policial, quem se anima a interpretar esses personagens?

A Velha Contrabandista - Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega a mandou parar.

A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia.

Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas às vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?
- O senhor promete que não "espáia"? - quis saber a velhinha.
- Juro - respondeu o fiscal.
- É lambreta.

3.3 Atividade textual

a) Interpretação do texto:

- 1) O texto que você acaba de ler é de Stanislaw Ponte Preta. Compartilhe com seus colegas de turma o que sabe sobre este autor.
- 2) Qual é o assunto abordado na crônica?
- 3) Há alguma palavra que você desconhece? Qual? Consulte o dicionário impresso ou virtual e descubra seu significado.
- 4) Quem são os personagens da história?
- 5) Como os idosos são vistos em nossa sociedade? Você já viu uma senhorinha pilotando uma moto? Conte aos colegas da turma.
- 6) Por que a velinha despertou a atenção do policial?
- 7) Você sabe o que faz a Alfândega? Compartilhe o que sabe sobre isso com a turma.
- 8) Todas as vezes que foi parada, o policial verificou que era mesmo areia que a vovozinha carregava, ainda assim ele não se convenceu. Você já viu ou ouviu algum fato semelhante?

b) Responda às questões que tratam sobre os aspectos discursivos e linguísticos da crônica:

- Observe o trecho "**Diz que** era uma velhinha que sabia andar de lambreta. O trecho em destaque está na linguagem coloquial, do dia a dia. Reescreva a frase segundo a norma culta.

- No parágrafo “Um dia, quando **ela** vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da alfândega mandou **ela** parar”. Em que pessoa do discurso, estão os pronomes destacados?
- Leia com atenção os trechos a seguir e responda em qual das construções encontramos o discurso direto e o discurso indireto.

...e respondeu:

- É areia!

Porém, o cronista poderia ter escrito assim:

- E respondeu que era areia.

- Na vida cotidiana é comum os jovens usarem gírias, certo? Identifique na crônica as gírias usadas.
- Observe a grafia da palavra “espáia”. Ela está em conformidade com a linguagem oral ou escrita? Justifique sua resposta.
- “- É lambreta”. Afinal, o que a resposta dada pela senhorinha quer dizer?

4. MÓDULO 3 (Aulas 7 e 8)

4.1 Atividade de sensibilização

Vamos fazer um resgate dos assuntos que estudamos até agora? Quem se recorda das crônicas e dos autores que lemos nas aulas anteriores? Hoje vamos conversar sobre situações engraçadas e cômicas. Responda às perguntas:

- Você se considera uma pessoa bem humorada ou mais séria e reservada?
- Já passou por alguma situação engraçada ou constrangedora? Se sentir à vontade compartilhe sua história com a turma.
- Você segue ou assiste algum artista, programa ou série de humorística? Qual?

- Neste período de pandemia, o que você faz para se entreter e manter o bom humor?

4.2 Que bacana ouvir essas histórias e saber um pouco do que vocês fizeram neste momento de isolamento social. No texto que vamos ler agora, há um diálogo entre esposo e esposa, quem se anima a interpretar esses personagens?

O homem nú – Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão

a) Alguém tem com alguma dúvida sobre essa divertida história? Vamos trocar ideias e impressões provocadas pelo texto?

- 1) Qual o assunto da crônica?
- 2) Quem narra a história?
- 3) Quem são os personagens da história?
- 4) Qual o motivo do homem ter saído nú do apartamento?
- 5) Quanto tempo dura toda a confusão vivenciada pelo personagem?
- 6) A vida em condomínio é regida por uma série de regras e o personagem infringiu uma delas, qual seria essa regra?
- 7) Diante daquela situação, o que você acha que o personagem sentiu? O que você faria no lugar dele?
- 8) Faça uma pesquisa na internet sobre a referência que o narrador faz no seguinte trecho “verdadeiro pesadelo de Kafka”. Anote o que encontrou em seu caderno.
- 9) Se você pudesse dar um desfecho diferente à história, como seria?

b) Responda às questões que tratam sobre os aspectos discursivos e linguísticos da crônica:

- Na narrativa é possível perceber alguns sons. Volte ao texto e selecione trechos em que os sons aparecem na história.

- Extraía do texto três palavras ou expressões que marcam o tempo na narrativa.
- “— **Ah**, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado”. Qual sentimento a interjeição em destaque expressa?
- “ ...Aterrorizado, **precipitou-se** até a campainha...” O verbo destacado pode ser substituído por outro verbo sem que se perca o sentido da frase, qual?
- No trecho: Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro (...). Expressa uma consequência? Indica uma causa? Ou estabelece uma comparação?

5. Produção Textual

5.1 Nesse caminho, aprendemos que a crônica é um gênero híbrido, um texto curto, que apresenta uma face jornalística, de tom mais informativo e uma face literária, de linguagem poética e coloquial. Também aprendemos que os cronistas registram por meio de sua sensibilidade momentos simples do dia a dia, provocando reflexões críticas sobre a vida social, política, economia, afetiva etc. Como disse o crítico literário Antônio Cândido, “a crônica é gênero essencialmente brasileiro”. Agora responda às perguntas:

- a) Das crônicas lidas, qual foi a que você mais curtiu? Compartilhe com seus colegas os motivos.
- b) É possível fazer alguma relação entre os textos lidos, quais?
- c) O isolamento social nos impôs muitas restrições e foi necessário aprender a viver o cotidiano de novas maneiras. O que você aprendeu de novo neste tempo?
- d) Após as leituras, conversas e atividades que fizemos, o que você considera ser indispensável, essencial à vida?

5.2 Considere o diálogo entre Armandinho e seu pai; o tema do amor; os dias perfeitos; a inteligência das pessoas mais velhas e as situações engraçadas vividas no cotidiano. A partir dessas leituras e diálogos, produza uma crônica com o assunto que você sentir mais entusiasmo! A seguir, trechos dos textos lidos para lembrar e te inspirar na escrita.

CRÔNICA 1

Dias perfeitos são esses em que os pneus não amanhecem vazios: as ruas acordam com dois ou três buracos consertados, pelo menos; o ônibus não vem em cima de nós, buzinando e na contramão; e os sinais de cruzamento não estão enguiçados e os guardas estão no seu posto, sem conversa para as morenas nem para os colegas.

CRÔNICA 2

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs [...]

CRÔNICA 3

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

6. Orientações para cronistas iniciantes

- Lembre-se de dar um título ao seu texto;
- Aborde algo corriqueiro, efêmero da vida cotidiana;
- Atente-se à linguagem adotada, está adequada ao gênero crônica?
- O texto pode ter um teor de humor, crítico, moral, dramático;
- Dê um final ao seu texto ou possibilite ao leitor imaginar e criar outros finais para sua crônica.

7. Correção das produções textuais

Pessoal, a correção dos trabalhos seguirá às orientações que combinamos. Lembrando que quem se sentir à vontade pode fazer a leitura da sua crônica no “1º Encontro de Cronistas Juvenis”, que vamos organizar assim que eu devolver os trabalhos. Será uma oportunidade de compartilhar, curtir e apreciar as histórias do cotidiano escritas por vocês!

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. *In*: Portal da Crônica Brasileira (site). Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/7153/o-amor-acaba>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MEIRELES, Cecília. **Dias perfeitos**. *In*: Armazém do texto (site). Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/10/cronica-dias-perfeitos-cecilia-meireles.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PRETA, Stanislaw Ponte. **A velinha contrabandista**. *In*: Imparcial (site). <https://www.imparcial.com.br/noticias/a-velinha-contrabandista-cronica-de-stanislaw-ponte-preta-homenagem,39864>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SABINO, Fernando. **O homem nú**. *In*: Portal da Crônica Brasileira (site). Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/13151/o-homem-nu>. Acesso em: 18 fev. 2021.